



O Programa “Fora da Curva” e a Provocação por um Jornalismo Transparente

Paula Reis Melo¹

Na sociedade em midiaticização, os processos interacionais ocorrem de forma tentativa a partir das infinitas possibilidades que estão em circulação. Com o objetivo de articular diversas fontes de informação e disputar a leitura do real, surgiu o “Fora da Curva”, um programa de rádio de jornalismo analítico, que vai ao ar diariamente “ao vivo” na Universitária 99.9 FM (Recife) com transmissão simultânea no Facebook, através do qual ocorre a maior parte das interações dos ouvintes. A proposta é tanto dar visibilidade a problemas públicos silenciados pela mídia corporativa como oferecer uma perspectiva crítica sobre os assuntos tratados nessa mídia. Realiza, assim, uma leitura crítica da mídia, fazendo circular interpretações questionadoras sobre os discursos midiáticos e sua pretensa “imparcialidade”, tornando-se, na prática, um “dispositivo social de crítica midiática” (BRAGA, 2006). Ao mesmo tempo em que o programa é reconhecido como “alta qualidade jornalística”, também é questionado se o que faz é, de fato, “jornalismo”, por desconstruir o status da imparcialidade da mídia corporativa e reclamar um jornalismo transparente e posicionado. Provocadas pela interdição dessa mídia, que não permite a autocrítica, as redes sociais agendam o debate da crítica da mídia e se articulam para propor um outro jornalismo. Nesse processo, surgem tensões e conflitos em torno da credibilidade, dos limites e valores para o jornalismo hoje.

Palavras-chave:

Midiaticização. Jornalismo. Jornalismo independente. Midiativismo. Coletivos midiáticos.

Introdução

O Programa de rádio Fora da Curva (FC), transmitido diariamente “ao vivo” nas Rádios Universitárias (99.9 FM e 820 AM - Recife) da Universidade Federal de Pernambuco com *streaming* nas páginas do Facebook, tem como slogan “Jornalismo, crítica e diversidade: a gente fala o que a maioria cala”. Em meia hora de duração, analisa os fatos da política brasileira numa perspectiva crítica, dá visibilidade a problemas públicos que não têm espaço na mídia corporativa e oferece uma leitura crítica da mídia, na tentativa de reposicionar o foco para o interesse do cidadão, entrando diretamente na disputa de sentido do mercado discursivo. Ao contrário do fazer jornalístico da mídia empresarial que se coloca como

¹ Professora do Dep. Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Realizou o doutorado na Unisinos. Pesquisa a participação da sociedade na disputa discursiva pela referência do real através das interações midiaticizadas das experiências de jornalismo cidadão e independente. Agradeço o diálogo com a Prof^a. Yvana Fehine (UFPE) para a construção deste artigo.

“imparcial”, o FC assume que pratica uma comunicação posicionada, questionando o pretenso discurso de neutralidade da mídia privada e mostrando que todo jornalismo é sempre uma construção do real a partir de um ponto de vista.

O programa é um projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social (DCOM) em parceria com o Núcleo de Rádio e TV Universitária (NRTVU), o Departamento de Ciências Sociais (DCS), o Curso de Comunicação do Campus de Caruaru e cinco organizações da sociedade civil: a agência Marco Zero Conteúdo (jornalistas Laércio Portela e Sérgio Miguel Buarque) é um coletivo de jornalismo independente que produz reportagens aprofundadas e de interesse público; a ONG Centro de Cultura Luiz Freire (Rosa Sampaio e Débora Brito) atua na área da democracia e direitos humanos e tem tradição na elaboração do Observatório de Mídia; a ONG Centro Sabiá (Laudenice Oliveira) trabalha com agricultura familiar agroflorestal e considera a comunicação como espaço de luta por direitos; a ONG Centro das Mulheres do Cabo (Manina Aguiar) trabalha a comunicação para enfrentar a cultura do machismo; e o Terral Coletivo de Comunicação (Daniel Lamir e Mariana Reis) atua na visibilização das lutas do campo e da cidade e na denúncia da opressão e exploração.

Assim, a diversidade marca a composição da equipe de execução porque a produção de cada dia é composta por uma equipe diferente de professores, alunos e jornalistas das instituições parceiras, sob a coordenação de um professor do DCOM: Adriana Santana (segunda-feira), Ana Veloso (terça-feira); Paula Reis (quarta-feira); Yvana Fechine (quinta-feira) e Bruno Nogueira (sexta-feira).

Cada dia da semana tem um apresentador diferente, que pode ser um professor da Universidade ou um comunicador da instituição parceira. A parceria com o DCS se dá pela participação da Prof^a. Eduarda Rocha na apresentação do programa nas quintas-feiras. Integrando a equipe de execução, há 40 alunos voluntários e dois bolsistas de extensão, dos cursos de Jornalismo; Rádio, TV e Internet; e Ciências Sociais. A característica plural da equipe de execução inspirou outro slogan no encerramento do programa para anunciar os nomes da equipe: “A diversidade já começa na produção!”.

Uma importante instância parceira para a realização do programa foi o Núcleo de Rádio e TV Universitária – NRTVU, que abriu um horário na grade de programação da rádio para veicular o programa “ao vivo” às 11h30, e reprisar às 22h. O NRTVU já acumulava, desde a gestão anterior, a discussão sobre a importância da comunicação pública Brasil, marcado pela alta concentração da mídia privada, tendo realizado anualmente a Semana de Comunicação Pública no período de 2013-2015 junto aos cursos de comunicação das universidades públicas e privadas.

As instituições parceiras têm basicamente o mesmo posicionamento crítico em relação à problemática atuação discursiva da mídia comercial que é condicionada pelo limite dos seus interesses econômicos na abordagem das notícias, ao mesmo tempo em que se apresenta “neutra”, com um discurso aparentemente universal. Isso acaba por situar a maior parte dos produtos editoriais alinhados a uma perspectiva liberal, em que o mercado e o individualismo são os valores de referência para a vida em sociedade. Ficam de fora diversas críticas a essa perspectiva político-ideológica que circulam nos mais diversos segmentos sociais. O contexto político-comunicacional a partir de 2016 foi o que desencadeou a articulação que tornou possível a criação do programa.

O Contexto Político-Comunicacional que Gerou o Fora da Curva

Em 2016, com o avanço do processo de *impeachment* da Presidenta da República, Dilma Rousseff, professores de diversos departamentos da UFPE se organizaram para protestar e realizar palestras sobre o cenário político. Entre os diversos atos, um aulão público foi realizado no dia 20 de abril, no Centro de Educação (CE), logo após a votação histórica de 17 de abril na Câmara dos Deputados que deu seguimento ao processo contra a Presidenta. A indignação e o mal-estar causados tanto pelo resultado quanto pela característica antirrepublicana dos discursos dos deputados foram tão grandes que geraram uma ação espontânea de alguns professores do DCOM que começaram a chamar os colegas de outros departamentos para realizar um aulão público no hall do Centro de Educação.

Os alunos foram chegando e se aproximando daquela “falação” pública no saguão do CE que acabou lotado. Por quase três horas, cerca de 15 professores fizeram análises, a partir de suas áreas de conhecimento, do que aquele momento significava. Muitas reflexões emocionaram, inclusive a apresentação da *performance* artística intitulada “Eu Por Mim”, dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais orientados pela Prof^a. Roberta Ramos Marques (2016, p. 08), que denunciou a lógica dos interesses particulares naquele dia de votação. O aulão foi transmitido “ao vivo” pelo facebook por alunos da Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e alguns docentes nas suas páginas pessoais.

Como ponto de mobilização, os professores construíram a “Tenda da Democracia” no Campus Recife que, depois, foi transferida para a Praça do Derby, uma região central e tradicional de protestos sociais da cidade, onde teve mais adesão da sociedade em geral a partir da articulação com outros movimentos organizados, inclusive uma feira de produtos hortifrúti de agricultores familiares. Houve uma programação intensa de palestras, como a do

ex-Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação e também professor de física da UPFE, Sérgio Rezende.

A comunicação, muito mais que uma ferramenta, é uma dimensão estratégica neste contexto de resistência. Assim, os docentes criaram, em 04 de junho de 2016, uma página no Facebook chamada “UFPE na Luta”, para divulgar os eventos, palestras e rodas de conversa, promovidos na Tenda da Democracia, e as informações sobre as mobilizações. A “UFPE na Luta” foi construída como “página que reúne informações sobre ações da comunidade universitária em defesa da democracia e dos direitos conquistados”. O grupo também participou da organização da visita da Presidenta Dilma Rousseff no dia 17 de junho ao campus da UFPE no Recife, onde realizou uma palestra no auditório do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

A partir do segundo semestre de 2016, a resistência ao golpe cresceu em todo o país, e a articulação dos professores foi fortalecida com as ocupações estudantis nos campi da UFPE e em todo o Brasil, ao mesmo tempo em que a indignação sobre a atuação da mídia e do Congresso Nacional crescia consideravelmente. Não por acaso, a destituição da Presidenta ficou conhecida como “golpe midiático-jurídico-parlamentar”. A crítica ao “modus operandi” do discurso midiático se intensificou com os protestos contra a Proposta de Emenda Constitucional 241 (conhecida como “PEC do teto dos gastos”), com as ocupações das escolas estaduais do ensino médio e universidades públicas e com a greve dos seus professores. Na UFPE, as ocupações se deram no Centro de Artes e Comunicação (CAC), no CE, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), no CCSA, na Faculdade de Direito do Recife (FDR), no Centro de Ciências Biológicas, e também nos campi de Caruaru e de Vitória.

Não havia informações nem análises de qualidade sobre as ocupações e a resistência da UFPE na mídia local do Recife e como os professores haviam decidido realizar atividades de mobilização, como debates, momentos culturais e rodas de conversa no lado externo do CAC como meio de reforçar a resistência, a página “UFPE na Luta” foi se tornando uma espécie de agência de notícias. Os professores do DCOM, em sua maioria jornalistas com carreira profissional em redações, juntamente com os alunos voluntários, organizaram-se em equipes de trabalho, dividiram-se em horários e passaram a fazer a cobertura jornalística de tudo o que acontecia nos campi, desde as ocupações estudantis, a greve dos professores, os debates, os eventos culturais e as palestras, entre elas, da economista e professora aposentada da UFPE, Tânia Bacelar, em 06 de novembro de 2017, que atraiu uma plateia cheia no Clube Universitário.

A cobertura dava notícia a partir dos protagonistas, dando visibilidade às causas dos protestos e dando espaço para os representantes. A página se tornou referência, inclusive, para a mídia jornalística local. Diversos jornalistas procuravam os professores para obter informações sobre os atos de protesto, as mobilizações e as ocupações estudantis, uma vez que era forte a aversão dos estudantes envolvidos nas ocupações às equipes de jornalismo da mídia privada.

Diferentemente da mídia privada, o jornalismo independente da Agência Marco Zero Conteúdo fazia uma cobertura profunda e tinha diálogo com todos os grupos mobilizados, tanto com os professores quanto com os alunos. O Departamento de Comunicação Social já havia tido, no primeiro semestre do ano, uma rica experiência de produção conjunta com a Agência Marco Zero de um programa de rádio semanal, gravado, chamado “Truco Recife Eleições 2016” que apresentava uma conversa com os jornalistas sobre as reportagens produzidas ao longo da semana. Tinha sido um projeto de extensão baseado no *Fact-Checking*, método de checagem dos dados divulgados pelos candidatos a prefeito do Recife, com a produção diária de reportagens para o site da Marco Zero com a participação de duas alunas bolsistas e a supervisão da Prof^ª. Paula Reis. Esse programa fora um embrião das experiências seguintes de programa de rádio que foram realizadas na Rádio Universitária durante o processo de resistência na UFPE no segundo semestre. Levou um olhar jornalístico sobre a campanha eleitoral para a programação da Rádio Universitária e nos dois turnos, foi ao ar, “ao vivo”, com comentários ao longo da apuração dos votos.

Depois do afastamento da Presidenta Dilma Rousseff e a posse do Vice-Presidente Michel Temer, imediatamente houve a colocação em pauta da PEC 241 na Câmara dos Deputados. De outubro para novembro, as centrais sindicais convocaram três dias de paralisação nacional. Nestes dias, o mesmo grupo de professores e alunos de comunicação que estava à frente da página “UFPE na Luta” realizou, na Rádio Universitária, um programa de rádio “ao vivo” chamado “Especial UFPE” de análise e cobertura do momento. As três edições tinham o formato de programa de entrevista e contavam com a presença de professores especialistas nos assuntos do momento, como por exemplo, educação e saúde, as áreas mais afetadas pela então “PEC dos gastos”, que limitava por 20 anos os investimentos nestas áreas.

Os programas de rádio “Especial UFPE” de jornalismo analítico ofereciam análises aprofundadas, “ao vivo”, com a cobertura das ocupações e dos atos de protesto na cidade do Recife feita por alunos voluntários dos cursos de Jornalismo e de Rádio, TV e Internet, estrategicamente posicionados. Os alunos entraram “ao vivo” ao longo do programa com as

informações atualizadas do clima de mobilização entrevistando as lideranças dos movimentos estudantis, sindicais e/ou sociais. É difícil mensurar o impacto dos três programas de rádio especiais, mas é possível dizer que não houve reportagem na mídia corporativa que se aproximasse da amplitude da cobertura e, ao mesmo tempo, da criticidade das análises.

Da experiência dos três programas de rádio especiais e do “Truco Recife Eleições 2016”; da articulação da resistência na UFPE entre professores e alunos de Comunicação e de diversos outros departamentos, e externamente entre os professores e as instituições da sociedade civil; da lacuna de um programa de análise crítica sobre o cenário político na mídia local; e da abertura do NRTVU para receber um programa de jornalismo analítico, nascia a semente do Fora da Curva.

Em novembro e dezembro de 2016, o grupo de professores do DCOM tinha clareza que o acúmulo de todas essas vivências não deveria se perder, e que era necessário fazer um esforço para manter um programa de rádio regular de análise crítica. Para reforçar a articulação, foram convidadas mais organizações da sociedade civil que historicamente apoiam ou atuam na democratização da comunicação para constituir a equipe de execução. Nas reuniões de construção coletiva da proposta do programa a ser apresentado ao NRTVU, foi sendo desenhado um programa de entrevista diário e “ao vivo”.

Depois de se pensar muito que nome seria dado ao programa e de se rejeitarem diversas sugestões, o nome pareceu surgir espontaneamente. “Nós somos um ponto fora da curva!”, disse a Prof^a. Yvana Fachine numa das reuniões de construção da proposta do programa sobre a linha editorial, ao que imediatamente foi acrescentado pela autora deste texto: “Olha aí o nome do nosso programa! Fora da Curva!”. Nomeado, o programa definitivamente ganhava concretude.

O Fora da Curva estreou em 13 de fevereiro de 2017. Sua origem o classifica como um “dispositivo social de crítica midiática” (BRAGA, 2006) porque já nasceu no diálogo crítico com o mercado discursivo, para entrar na disputa pela referência do real e visando ser uma alternativa de análise midiática e política. Como assinala José Luiz Braga, na sociedade em midiaticização, o “sistema de interação social sobre a mídia”, ou mais sinteticamente, o “sistema de resposta social” se apresenta com experiências tentativas diferidas e difusas. O que o FC faz é uma tentativa de estimular a leitura crítica da mídia numa perspectiva diferente, sem abrir mão do fazer jornalístico, apesar desta natureza ser, por vezes, questionada, como se verá adiante.

O FC é produzido em regime de temporada, seguindo o calendário acadêmico, e está na segunda temporada. A página do facebook possui atualmente 3.722 seguidores. Os

conteúdos foram visualizados mais de 600 mil vezes e foram recebidos no *feed* de notícias de quase 240 mil pessoas. Mais de 11 mil pessoas falaram da página. Houve 2.000 compartilhamentos dos conteúdos do programa e mais de 20 mil consumiram efetivamente os conteúdos da página. Além do Facebook, também está no YouTube, Instagram, Twitter e Mixcloud. Caracteriza-se como um programa transmídia por ter diversos conteúdos extras que são postados nas redes sociais. Na página do Facebook, após a transmissão do “ao vivo”, como não há tempo para responder todas as perguntas dos ouvintes, estas são respondidas pelos entrevistados em vídeos logo após o programa. Além disso, a página publica conteúdo original elaborado pelos alunos nas disciplinas dos cursos; compartilha reportagens de outras páginas; faz cobertura própria pelos próprios alunos e professores, entre outras estratégias.

The image shows the Facebook page for 'Programa Fora da Curva'. The page layout includes a top navigation bar with the Facebook logo and a 'Cadastrar-se' button. The main content area features a video player with the program's logo and title 'PROGRAMA FORA DA CURVA' and 'JORNALISMO, CRÍTICA E DIVERSIDADE'. Below the video, there are two posts. The first post is a video share from 'Universitária 99.9 FM' with the text 'No #ProgramaForadaCurva dessa segunda-feira.' and a video thumbnail showing a radio broadcast. The second post is a text post from 'Programa Fora da Curva' with the text 'Dentre as diversas propostas sugeridas para serem aplicadas no Brasil, o Vaticano "recomendou" manter a proteção da família natural, formada por homem e mulher. Isso não aceitar os debates da baseada'. The right sidebar shows community statistics: 3,621 likes, 3,719 followers, and 5 visitors. It also includes a map of the location at Avenida Norte, Miguel Arraes, 88, Recife, and a 5-star rating with 3,621 likes and 5 visits.

Imagem da Página do Programa no Facebook.com/Programa Fora da Curva

Como os temas são, em sua maioria, nacionais, as cidades com maior alcance de audiência no Facebook são, respectivamente: Recife (162.630 ouvintes), Jaboatão dos Guararapes (13.011), São Paulo (10.752), Rio de Janeiro (7.125) e Olinda (7.093). Apesar do pouco tempo de existência do FC e de historicamente a mídia privada ser a principal fonte de notícia da população brasileira, os números mostram que o FC, um exercício de comunicação pública e de jornalismo transparente, atende a uma imensa demanda social e é fundamental para o debate público de qualidade. A experiência coletiva do fazer o FC – tanto o processo como o produto – tem sido um rico objeto de discussão sobre a natureza do jornalismo a partir da provocação por um jornalismo “transparente”.

A Provocação Por Um Jornalismo Transparente

O próprio formato do FC já faz uma provocação à práxis jornalística da mídia empresarial, que é referência para o cidadão brasileiro. Trata-se de um programa de entrevista em que dois convidados possuem lugares de fala diferentes e complementares: um detém o saber científico e o outro, o saber militante da luta social. O primeiro é alguém que estudou o assunto e é profundo conhecedor não só do ponto de vista técnico, mas também político, no sentido de saber contextualizá-lo na conjuntura política; enquanto o segundo é o militante dos diversos movimentos sociais cujo conhecimento é proveniente da ação prática.

A complementaridade de saberes das fontes “especialista” e “protagonista” são o diferencial do programa. A cada edição, o assunto a ser analisado é focalizado através de uma pergunta-tema que o programa procura responder. Aqui se encontram a academia e a militância política para reponder a pergunta-tema. As perguntas procuram atrair a atenção do ouvinte com uma provocação, de modo a aprofundar uma questão com uma linguagem acessível, como: “Por que tanta raiva de pobre?” (para discutir o preconceito de classe); “Cadê os direitos das pessoas LGBT?”; “Quem manda na cidade?”² (para discutir a especulação imobiliária); “O Judiciário age politicamente?”; “A quem interessa o fim do SUS?”.

A configuração dos dois lugares de fala tensiona a prática do jornalismo habitual porque o lugar de autoridade que justifica a presença das fontes oficiais nas notícias, muitas vezes, mesmo que não tenham o devido conhecimento do assunto, mas tão somente pelo seu

² Alguns programas (em menor número) abordam temas locais, como foi o caso deste. Mesmo sendo um assunto local, Recife reflete os mesmos problemas das grandes cidades, como o déficit habitacional e a especulação imobiliária.

status na hierarquia social, aqui é substituído pela fala autorizada, ou seja, aquela que tem conhecimento do assunto pela vivência, por ser protagonista. O lugar da fonte de autoridade sofre, assim, um tensionamento, porque o conhecimento profundo não é garantido por quem detém o lugar de “quem pode falar”, mas efetivamente por quem “sabe falar”. Assim, fontes protagonistas das lutas sociais, como pescadores, agricultores familiares, praticantes de Umbanda, militantes de direitos LGBT etc., que nunca apareceriam nas notícias da mídia empresarial com *status* de legitimidade, passam a disputar a produção de sentido nos seus próprios termos.

O programa assume o seu ponto de vista crítico da perspectiva do jornalismo cidadão. Daí seu nome “Fora da Curva”, para anunciar ao ouvinte a oferta de algo diferente, fora do que está disponível no *main stream* da mídia privada, entrando diretamente no interdiscurso. Ao assumir uma comunicação posicionada, o FC busca desconstruir o efeito de neutralidade da mídia empresarial que se apresenta como universal. Esta atuação produziu um estranhamento mesmo entre atores do próprio campo jornalístico, como o comentário de uma jornalista para um membro da equipe: “o que vocês fazem é *massa*, mas não é jornalismo”. A ideologia da objetividade está tão internalizada que ocorre o estranhamento. Porque desvelar é tomar partido e tomar partido não é jornalístico. Porque mostrar os sujeitos concretos nas suas estratégias de barganha em prol de interesses privados é tomar partido e tomar partido não é jornalístico. Porque apontar os processos não republicanos de como a política se dá no Brasil é fazer militância. E militância não é jornalismo. Militância é interessada e o jornalismo não.

O *habitus* discursivo da objetividade jornalística é escamotear os interesses particulares que estão em jogo. É construir uma artificialidade por parte de quem narra e sobre quem se narra. É parecer estar fora das relações sociais. Quem narra está fora daquela notícia e quem está envolvido também parece não ter interesses particulares. A práxis habitual está tão consolidada que dar concretude aos fatos parece significar abrir mão do fazer jornalístico, quando é exatamente o contrário: mostrar o que não estava sendo visto, a ausência, o não dito, é fazer o contrapondo à propaganda que virou o jornalismo da mídia privada.

Daí a provocação por um jornalismo transparente. Sabe-se que todo discurso é pleno de ideologia. Sendo assim, o FC exerce uma comunicação autêntica por assumir sua perspectiva e apontar a “máscara” de neutralidade da mídia empresarial. Rompe com o protocolo do outro lado, expediente do discurso jornalístico da mídia empresarial de efeito burocrático, para dar a aparência de que ouviu o outro lado, mas dificilmente o “outro lado” será revelado a contento devido a uma construção discursiva que já o desmontou de antemão. Como mostrar o ponto de vista do outro quando já há toda uma construção de apenas um

lado? A questão é insustentável na perspectiva da natureza do discurso e dos limites da objetividade.

Neste sentido, o FC mais se apresenta como jornalismo, tanto pelo interesse público quanto pela mediação dos fatos e pelo desvelamento das estratégias dos sujeitos no jogo político e midiático. Ocupa o lugar que anda faltando no mercado discursivo. As informações sobre o processo político precisam de análises, e o FC oferta uma provocação nesse sentido. Defende o jornalismo analítico com informação qualificada, porque fundamentada na ótica de quem **estuda sobre** e de quem **atua sobre**. O slogan reflete a transparência de seu lugar de fala: “Fora da Curva: jornalismo, crítica e diversidade. A gente fala o que maioria cala”. O outro lado é assumido na plenitude pelo FC no interdiscurso midiático.

Um marco no FC foi a entrevista exclusiva com o ex-Presidente Lula realizada em 25 de agosto de 2016, em passagem pelo Recife quando da sua caravana pelo Nordeste. Foi organizado um grupo de jornalismo independente composto por: Programa Fora da Curva, Marco Zero Conteúdo, Terral Coletivo de Comunicação, ABRAÇO – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária. A entrevista foi transmitida pelas Rádios Universitárias (99.9 FM e 820 AM), pela página do programa (14 mil visualizações), da Marco Zero Conteúdo, da página de Lula (156 mil visualizações) e por quase mil rádios comunitárias. O fato configurou o FC como uma opção no mercado discursivo. O ex-Presidente não concedeu entrevista para nenhuma mídia corporativa em sua passagem pelo Recife. Também participaram da entrevista a senadora Gleisi Hoffman (PT-RS) e a Presidenta Dilma Rousseff que o acompanhavam na caravana pelo Nordeste.

O facebook é a principal rede onde se manifestam as interações sociais, especialmente no momento do programa “ao vivo”. Enquanto a conversa acontece no estúdio da rádio, surgem as interações dos ouvintes. Braga (2011) chama a atenção para os circuitos que se dão no processo de circulação. Pode-se observar que na entrevista de Lula, entram em cena as críticas dos ouvintes aos grupos hegemônicos de comunicação (como se pode ver na imagem), chamando a atenção para o silenciamento noticioso sobre a caravana de Lula pelo Nordeste. O tratamento jornalístico da mídia empresarial é colocado sob suspeita e as nomeações das empresas vêm à tona. Os interlocutores demonstram ter sua demanda contemplada com a realização da entrevista.

São esses processos que mostram a disputa midiaticizada pela referência do real. Alheios a qualquer julgamento, alguns interlocutores declaram: “Meu Presidente”; “Votei e voto”. Houve também muitos interlocutores que criticaram o ex-Presidente e o PT, não há espaço para discorrer sobre todos os movimentos. O que essas falas mostram é a criação de

circuitos de interação que o FC provocou enquanto a entrevista ocorria, numa rico processo de debate e disputa da produção de sentido.



Lula fez uma transmissão ao vivo.
25 de agosto · 🌐

Lula dá entrevista coletiva para a imprensa alternativa de Pernambuco. #lulapelobrasil #lulaporpernambuco

156 mil visualizações

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍👍👍 Agnes Vitoriano, Diego Borges e outras 7 mil pessoas Comentários mais relevantes (sem filtro) ▾

2.706 compartilhamentos 7,6 mil comentários

Escreva um comentário...

Fran Palmeira · 51:14 MEU PRESIDENTE ❤️❤️❤️❤️
Curtir · Responder · 1 · 25 de agosto às 09:43

Matheus Santos · 31:24 Fora do ar a transmissão
Curtir · Responder · 1 · 25 de agosto às 09:23

Lúcio Souza · 18:31 Meu presidente
Curtir · Responder · 1 · 25 de agosto às 09:10

Agnes Vitoriano · 0:43 Que orgulho da minha profeeeee
Curtir · Responder · 25 de agosto às 10:03

Eddie Rodrigues · 39:25 Lula ❤️
Curtir · Responder · 25 de agosto às 09:35

Francimar Ferreira · 4:06 Porque a Record News não notícia nada das caminhadas de Lula e nem a Band não vi o boechar tocar no assunto, porque ?????????? SÓ pide ser o PIG.
Curtir · Responder · 24 · 25 de agosto às 08:56

↳ 20 Respostas

Regina Fátima · 22:57 E tem gente negando o sucesso e as multidões na caravana... só assistem a Globolixo? A internet está lotada de vídeos mostrando o apoio do povo.
Curtir · Responder · 19 · 25 de agosto às 09:15

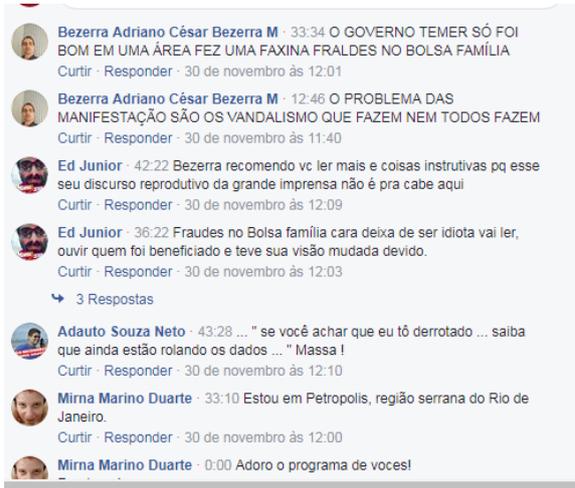
↳ 8 Respostas

Geovana Laya · 24:37 Votei e voto

Transmissão da entrevista exclusiva com o Ex-Presidente Lula.

Em outro programa, os interlocutores travam um debate entre si, como mostram os comentários dos interlocutores na página do FC em que Ed Junior dialoga diretamente com Bezerra Adriano César respondendo e fazendo uma crítica ao comentário deste. O conteúdo,

logicamente, se dá em função do que está sendo dito no programa “ao vivo”, e a “conversa paralela” se espraia pelas redes sociais. Nesta edição, a música de Cazuza, “O Tempo não para”, foi usada na abertura, e o ouvinte confirma o efeito de esperança com o comentário: “se você achar que eu tô derrotado... saiba que ainda estão rolando os dados... Massa!” (imagem abaixo).



Comentários recebidos no momento da transmissão do programa.

O processo de construção do FC demonstra a intensa midiaticização das interações na disputada pela referência do real. Desde a articulação que deu origem ao programa, passando pela construção como proposta de crítica da mídia, até a construção do formato, são fases de um processo de interações sociais marcadas pelas “práticas de uso” das lógicas midiaticizadas e de seus dispositivos. Na construção desta experiência, foram criados circuitos de interação que deverão ser melhor estudados e investigados. Três questões estão interligadas pelo “fazer o FC”: o formato do programa que assume uma comunicação posicionada se choca com o modelo de jornalismo da mídia corporativa; a resistência na/da Universidade; e os impactos do fazer junto entre professores e alunos na formação em comunicação e política através da comunicação. Os três pontos serão explicados a seguir, nas reflexões finais.

Considerações Finais

Muitos são os resultados da experiência do FC. O programa é uma tentativa de circular informação que não está na mídia corporativa através da Rádio Universitária que se pauta pelo princípio da comunicação pública, a serviço do cidadão, e em todas as redes sociais. O formato de um programa de entrevista com as fontes “especialista” e “protagonista” produz

um questionamento sobre a natureza do jornalismo, uma vez que a fonte protagonista dificilmente está presente no noticiário convencional. Para viabilizar espaço no jornalismo corporativo, seria preciso promover acontecimentos disruptivos até que, com o passar do tempo, seja vista e solicitada como fonte protagonista legítima (MELO, 2008). No caso do FC, ao assumir a comunicação posicionada, os sujeitos da luta social são convidados como fontes legítimas porque “sabem falar”. O jornalismo transparente se tornou, portanto, uma marca do programa.

O formato do FC levanta ainda duas reflexões: a) sobre a fonte “especialista”, porque o protagonista também pode ser considerada um especialista; b) faz uma provocação do lugar da ciência e do pesquisador. A ciência tem que ser acessível, compreensível ao ouvinte de rádio, sem perder a profundidade e ainda fazer um diálogo com os sujeitos protagonistas da luta social. Neste sentido, a ruptura da distância entre a academia e as organizações da sociedade civil e movimentos sociais tem uma implicação importante. A Universidade (Ciência) é provocada a dialogar com a sociedade, é colocada num lugar de quem detém o saber, mas também de quem pode aprender, pois o saber científico se aproxima da vida prática e vice-versa, de modo a se questionar, realçando outra dimensão no programa que é político-afetiva. O saber técnico é tensionado a estar contextualizado na realidade sócio-política. Estas questões deverão ser aprofundadas no futuro a partir de um conjunto de observáveis.

Resultado de um processo de resistência construído em articulação interna e externa à UFPE, o FC provoca uma reflexão importante sobre a construção de uma política de comunicação pública. Em junho de 2016, um Grupo de Trabalho foi nomeado pela Pró-Reitoria de Comunicação, Informação e Tecnologia da Informação (PROCIT) para propor um modelo de gestão e de programação para a Rádio Universitária AM que, no momento, espelha a programação da Rádio Universitária FM. O objetivo é produzir uma programação própria da AM e o modelo vem se configurando como rádio-escola, resgatando os princípios da comunicação e da extensão de seu fundador, o educador Paulo Freire. Em sua homenagem, a rádio se chamará Rádio Universitária Paulo Freire. O grupo de trabalho foi composto por servidores docentes e administrativos do DCOM, do NRTVU, da PROCIT e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), dos quais quase todos os integrantes da equipe do FC. O programa se mostra, assim, um catalisador de ações e processos.

Como projeto de extensão que integra 40 alunos voluntários, o programa tanto dá a formação em comunicação como a formação política pela comunicação. O fazer junto entre professores e alunos faz com que estes aprendam acompanhando o fazer jornalístico no dia-a-

dia da produção, numa lógica de formação que desierarquiza a relação tradicional professor-aluno, porque os estudantes participam das decisões. Para treinar a equipe de alunos e docentes, foram feitas oficinas de redes sociais e produção de conteúdos em mídias móveis com profissionais reconhecidos no mercado e que se voluntariam pela causa.

O efeito do “fazer junto” deu não somente a formação em comunicação, mas também a formação política pela comunicação. O fazer junto com os alunos é um produtivo processo de ensino e as questões sobre o jornalismo a partir da realização do programa se tornaram rico objeto de pesquisa. As próprias aulas passaram a receber um olhar mais crítico por parte dos alunos que integram a equipe do FC. Em julho de 2017, no intervalo das temporadas, os alunos tiveram a iniciativa de produzir vídeos sobre o programa. O depoimento do aluno de jornalismo, André Medeiros, diz sobre o processo de aprendizado:

É difícil comparar com outra experiência até agora porque eu não tive nada parecido com o Fora da Curva. É uma equipe muito engajada, muito competente, da seleção de pauta aos convidados, o desenvolvimento do processo em si tem muita paixão em todo o processo. Todas as pessoas são extremamente talentosas. É uma oportunidade que olhando para trás, eu não teria como agradecer o suficiente por fazer parte. É um programa que não cabe em si, isso transparece muito, é muito forte. É muito forte você contar contra-histórias, você ouvir contra-personagens, você fazer contra-rádio. Como estudante de jornalismo, eu me sinto muito realizado fazendo parte disso. E eu sou #ForadaCurva (MEDEIROS, 2016).

Por fim, a experiência do “fazer o FC” realiza a extensão na sua plenitude, demonstrando que o saber é um processo de construção coletiva e a comunicação é estruturante das interações sociais.

Referências

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

MARQUES, Roberta Ramos. Performar e profanar os palcos da representação democrática em tempos de golpe: reenactment, história, e modos de afetar e ser afetado na crise. In: **Pitágoras 500**. v. 10. Unicamp: Dep. Artes Cênicas, 2016.

MEDEIROS, André. #SouForaDaCurva. Vídeo. 2017. Acesso em 20 nov 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qTB0I1W9bBs>

MELO, Paula Reis. **Tensões entre Fonte e Campo Jornalístico**: um estudo sobre o agendamento mediático do MST. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo (RS), 2008.